



*este livro  
pertence a*





retrato mortal



retrato mortal  
nora roberts escreve como j.d. robb

Tradução de Cristina Correia

CHÁ  
DAS  
CINCO   
Livros com sexto sentido



**CHÁDASCINCO**

Uma chancela da Saída de Emergência

**TÍTULO:** *Retrato Mortal*

**AUTORIA:** *Nora Roberts escreve como J.D. Robb*

**EDITOR:** *Luís Corte Real*

*Esta edição © 2016 Edições Chá das Cinco Lda.*

*Título original Portrait in Death © 2003 Nora Roberts.*

*Publicado originalmente nos E.U.A. por The Berkley Publishing Group, 2003*

**TRADUÇÃO:** *Cristina Correia*

**REVISÃO:** *Lídia Freitas*

**COMPOSIÇÃO:** *Chá das Cinco, em caracteres Minion, corpo 12*

**DESIGN DA CAPA:** *Chá das Cinco*

**ILUSTRAÇÃO DA CAPA:** *Chá das Cinco*

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO:** *Cafilesa - Soluções Gráficas, Lda.*

**1ª EDIÇÃO:** *Junho, 2016*

**ISBN:** *978-989-710-253-0*

**DEPÓSITO LEGAL:** *410208/16*

*Chá das Cinco é uma marca registada das Edições Saída de Emergência*

*Rua Maria Archer, nº1 A, 2765-505 Estoril, Portugal*

**TEL.:** *214 583 770*



**WWW.CHADASCINCO.COM**



**/EDIÇÕES-CHÁ-DAS-CINCO**



**EDITORIA.SAIDA.DE.EMERGENCIA**

A candeia do corpo são os olhos.

— NOVO TESTAMENTO

Uma mãe é uma mãe mas ainda assim,

É a coisa mais sagrada nesta terra.

— SAMUEL COLERIDGE





## PRÓLOGO

*COMEÇAMOS A MORRER AO nosso primeiro fôlego. A morte está dentro de nós, aproximando-se a cada segundo, cada vez mais, a cada bater do coração. É o fim a que nenhum homem pode escapar. Porém, agarramo-nos à vida, veneramo-la apesar do seu caráter transitório. Ou, quiçá, por essa mesma razão.*

*Mas, durante todo esse tempo, pasmamo-nos com a morte. Construímos monumentos em sua honra, adoramo-la com os nossos rituais. Como será a nossa morte?, perguntamo-nos. Será repentina e célere, demorada e prolongada? Sentiremos dor? Chegará após uma vida longa e plena ou será interrompida — de forma violenta e inexplicável — no nosso apogeu?*

*Quando chegará a nossa hora? Pois a morte é para todas as horas.*

*Criamos uma vida depois da morte pois não somos capazes de passar os nossos dias perseguidos pelo espectro de um término. Criamos deuses que nos guiam, que nos acolherão aos portões dourados para nos conduzirem a uma terra eterna de leite e mel.*

*Somos crianças, atadas de mãos e pés pelos grilhões do bem com as suas recompensas eternas, e do mal com os seus castigos perpétuos. Daí que a maioria de nós jamais consiga viver verdadeiramente, pelo menos de uma forma livre.*

*Estudei a vida e a morte.*

*Só existe um propósito. Viver. Viver livre. Tornar-se. Saber, a cada*

*fôlego, que somos mais do que meras sombras. Somos luz, e a luz tem de ser alimentada, absorvida de qualquer fonte, de todas as fontes. E assim, o fim não é morte. No fim, tornamo-nos luz.*

*Dirão por aí que sou louco, mas encontrei a sanidade mental. Encontrei a Verdade e a Salvação. Quando me tornar, tudo aquilo que sou, tudo aquilo que faço, tudo o que criei será magnífico.*

*E todos viveremos para sempre.*

## CAPÍTULO 1

NÃO PODIA PEDIR MAIS da vida. Eve bebeu de uma golada o seu primeiro café enquanto retirava uma blusa do roupeiro. Optou por um tecido fino e por cavas, uma vez que o verão de 2059 estava a sufocar Nova Iorque e o resto da costa Este, com um punho firme e húmido.

Mas, na verdade, preferia o calor ao frio.

Nada iria estragar o seu dia. Nada mesmo.

Vestiu a blusa. Olhou de relance para porta, certificando-se de que estava sozinha, e dançou a abanar as ancas até ao AutoChefe para mais um café. Deu uma olhadela à unidade de pulso e confirmou que tinha tempo suficiente para tomar o pequeno-almoço, por isso, que se dane, programou-o para duas panquecas de mirtilos.

Regressou ao roupeiro para calçar as botas. Era uma mulher alta e esguia, de calças caqui e blusa cavada azul. Usava o cabelo castanho curto, num estilo rebelde, com madeixas mais claras e evidenciadas por aquele sol cruel e brilhante. Adequava-se ao seu rosto quadrado, de grandes olhos castanhos e boca generosa. No seu queixo, podia ver-se uma covinha pouco funda — um traço que o seu marido, Roarke, gostava de desenhar com a ponta do dedo.

Apesar do calor que teria de enfrentar ao sair do grande e abençoadamente fresco quarto, ao sair da grande e abençoadamente fresca casa,

pegou num casaco leve. E atirou-o para cima do coldre que tinha pendurado no encosto do sofá da sala.

O distintivo já estava no bolso.

A Tenente Eve Dallas retirou o café e as panquecas do AutoChefe, deixou-se cair no sofá e preparou-se para apreciar um faustoso pequeno-almoço antes de entrar ao serviço como detetive de homicídios.

Com um sentido psíquico felino no que respeita a comida, o gordo gato *Galahad* surgiu do nada e saltou para o sofá a seu lado, olhando fixamente para o prato com os seus olhos bicolor.

— É meu. — Espetou o garfo nas panquecas e devolveu o olhar fixo do gato. — O Roarke pode ser um alvo fácil, meu amigo, mas eu não. E de certeza que já comeste — acrescentou ao pousar os pés na mesa, continuando com o seu pequeno-almoço. — Aposto que já estiveste na cozinha logo de madrugada a deslizar à volta do Summerset.

Inclinou-se até ficarem nariz com nariz.

— Pois bem, não vai haver nada disso durante três lindas, maravilhosas semanas. E sabes porquê? Sabes *porquê*?

Dominada pela alegria, cedeu e deu ao gato um bocado de panqueca.

— Porque aquele empertigado filho da mãe magrelas vai de férias! Para muito, muito longe. — Quase cantou as palavras, levada pela alegria de saber que o mordomo de Roarke, o seu adversário privado, não estaria presente para a irritar nessa noite, ou por muitas noites seguidas.

— Esperam-me vinte e um dias livres de Summerset, e por isso me regozijo.

— Não me parece que o gato partilhe o teu regozijo. — Roarke falou da entrada, inclinado na lateral da porta a observar a mulher.

— Claro que partilha. — Comeu mais uma garfada de panquecas antes que *Galahad* chegasse ao prato com o focinho. — Está só a fazer que não é nada com ele. Julguei que tinhas de tratar de uma superimportante transmissão interestelar esta manhã.

— Está feito.

Entrou devagar e Eve deleitou-se ainda mais a vê-lo mover-se. Suave, de pernas longas, gracioso de uma forma pura e perigosa de macho.

Podia ensinar o gato, pensou divertida. Com um grande sorriso, decidiu que não havia mulher à face da terra que não ficasse felicíssima de ter aquele rosto a seu lado ao pequeno-almoço.

No que a rostos dizia respeito, era uma obra-prima, talhada num dos dias mais generosos de Deus. Magra, com maçãs do rosto salientes, uma boca firme e carnuda que a fazia salivar. Tudo isto emoldurado por uma extensão de cabelo preto e brilhante, realçado por uns azuis olhos celtas.

Tudo o resto também não era nada mau, pensou. Longo e esguio e firme.

— Anda cá, lindinho. — Agarrou-o pela camisa, deu-lhe um puxão. Depois, fincou os dentes, com um certo entusiasmo, no lábio inferior de Roarke. Passou a língua vagarosamente antes de o largar. — És mais gostoso do que panquecas, seja que dia for.

— Hoje estás animada, não haja dúvida.

— Podes crer. Sabes que “animada” é a minha alcunha. Vou lá para fora espalhar alegria e gargalhadas para toda a humanidade.

— Mas que bela mudança de humor. — Na sua voz, havia diversão a acompanhar a pronúncia irlandesa. — Talvez queiras começar por descer comigo para nos despedirmos do Summerset.

Fez uma careta.

— Isso era bem capaz de me arruinar o apetite. — Para testar, comeu o resto das panquecas de uma só vez. — Não, não vai estragar. Posso fazer isso. Posso ir lá abaixo e dizer-lhe adeus.

De sobrolho franzido, Roarke deu-lhe um súbito puxão de cabelos.

— Sê simpática.

— Só faço a dança da alegria quando ele desaparecer de vista. Três semanas. — Após um encolher de ombros de satisfação, levantou-se e fintou o gato, colocando o prato fora do seu alcance. — Não vou ver aquela cara feia nem ouvir aquela voz esganiçada por três semanas orgásticas.

— Será impressão minha ou ele deve estar a pensar algo muito semelhante? — Suspirando, levantou-se. — Tenho tanta certeza disso como tenho a certeza de que ambos vão sentir falta de andar às cabeçadas um ao outro.

— Não vou nada. — Pegou no coldre, colocou a arma. — Hoje à noite, para celebrar — e podes ter a certeza disto: eu vou celebrar — vou descontrair na sala e comer piza. Nua em pelo.

As sobranceiras de Roarke dispararam.

— Vou, com certeza, apreciar.

— Tens de arranjar uma piza para ti. — Vestiu o casaco. — Agora tenho de dizer adeus. Esperam-me na Central.

— Primeiro, treina isto. — Pousou-lhe as mãos nos ombros. — Faz uma boa viagem. Tem umas boas férias.

— Não disseste que tinha de falar com ele. — Suspirou ruidosamente face ao olhar fixo e calmo de Roarke. — Está bem, está bem, vai compensar o esforço. Faz uma boa viagem. — Fez um sorriso retesado. — Tem umas boas férias. Idiota. Depois omito o ‘idiota’, só queria dizê-lo agora.

— Percebido. — Deslizou as mãos pelos seus braços e pegou-lhe na mão. O gato saiu disparado da sala, à frente dos dois. — Ele está mesmo ansioso. Nos últimos anos, não tirou muito tempo para si próprio.

— O que ele não queria era tirar aqueles olhinhos brilhantes de mim durante muito tempo. Mas não faz mal, está tudo bem — concluiu num tom animado. — Porque agora vai e isso é que importa.

Ouviu um guincho do gato, o palavrão que se seguiu e uma série de baques. Eve foi rápida, mas Roarke chegou primeiro às escadas e já descia veloz até onde Summerset jazia, juntamente com uma pilha de roupa espalhada.

Viu a cena que se apresentava ao fundo das escadas e disse:

— Oh, merda.

— Não te mexas. Não tentes mexer-te — murmurou Roarke ao verificar se Summerset estava ferido.

Chegando ao final da escadaria, Eve acocorou-se. O rosto sempre pálido de Summerset estava branco como cal e já começava a transpirar. Viu o choque nos seus olhos, bem como dor lancinante.

— É a minha perna — conseguiu pronunciar numa voz já debilitada. — Deve estar partida.

Eve percebeu isso mesmo ao ver o ângulo esquisito da perna, abaixo do joelho.

— Vai buscar um cobertor — disse a Roarke ao pegar no seu transmissor portátil. — Está a entrar em choque. Eu chamo os Médicos.

— Não o deixes mexer. — Com movimentos rápidos, Roarke pegou num dos lençóis espalhados e cobriu Summerset, subindo depois as escadas a correr. — Pode ter outras lesões.

— É só a perna. E o ombro. — Fechou os olhos enquanto Eve pedia ajuda médica. — Tropecei no raio do gato. — Rangendo os dentes, abriu os olhos e fez o melhor que pôde para mostrar um sorriso fingido a Eve,

embora o calor da queda estivesse rapidamente a dar lugar ao frio que o fazia tiritar. — Calculo que lamente não ter partido o pescoço.

— Passou-me pela cabeça. — Está lúcido, pensou com algum alívio. Não perdeu os sentidos. Os olhos estão ligeiramente vidrados. Olhou para Roarke que regressava com o cobertor. — Já vêm a caminho. Está coerente e furo. Não creio que tenha magoado a cabeça. Seria preciso mais do que uma queda das escadas para quebrar este vaso. Tropeçou no gato.

— Por amor de Deus.

Eve observou Roarke a pegar na mão de Summerset. Independentemente da forma como ela e o velho macaco se tratavam, percebia que o homem era mais pai de Roarke do que alguma vez o próprio pai fora.

— Vou para o portão, para deixar os Meditécnicos entrarem.

Dirigiu-se ao painel de segurança para abrir os portões que vedavam a casa, o relvado caríssimo, o mundo pessoal que Roarke construía, do resto da cidade. De *Galahad*, nem sinal, nem haveria durante algum tempo, pensou Eve com amargura.

Muito provavelmente, o maldito gato tinha feito de propósito para lhe arruinar os dias de alegria, já que ela não lhe tinha dado panquecas a seu contento.

Para que ouvissem a sirene, abriu a porta da frente e quase cambaleou face ao muro de calor. Quase oito da manhã e já estava um calor tal capaz de fritar miolos. O céu estava da cor de leite azedo, o ar tinha a consistência do xarope que tanto gostara de saborear quando havia alegria no seu coração e energia nos seus passos.

— Tem umas boas férias. Filho da mãe.

O transmissor tocou precisamente quando ouviu as sirenes.

— Vêm aí — gritou para Roarke e afastou-se para receber a transmissão. — Dallas. Porra, Nadine — disse assim que viu a imagem da melhor repórter do Canal 75 no ecrã. — Não é boa altura.

— Tenho uma informação. Parece autêntica. Encontramo-nos na esquina da Delancey com a Avenida D. Estou de saída.

— Espera aí. Não vou até ao Lower East Side por causa de ti...

— Acho que morreu alguém. — Desviou-se para que Eve pudesse ver as impressões que espalhara na secretária. — Julgo que está morta.

Era uma jovem morena em várias poses, algumas tiradas de forma descontraída, outras trabalhadas.

— Porque é que achas que morreu?

— Ponho-te ao corrente quando nos encontrarmos. Estamos a perder tempo.

Eve fez sinal aos Meditécnicos para que entrassem ao mesmo tempo que franzia o sobrolho para o transmissor. — Vou enviar um...

— Não te avisei de antemão para agora empurrares isto, e a mim, para as fardas. Tenho aqui qualquer coisa, Dallas, e é importante. Vem ter comigo ou vou confirmar sozinha. Depois, dou a notícia com aquilo que tenho e com aquilo que encontrar.

— Espetacular, está a revelar-se um belo dia. Tudo bem. Espera na esquina, come um *bagel* ou assim. Não faças nada até eu chegar. Primeiro tenho que pôr ordem na confusão aqui instalada. — Com um suspiro, olhou para onde os Meditécnicos examinavam Summerset. — E depois vou aí ter.

Desligou, voltou a guardar o transmissor no bolso. Regressou para junto de Roarke e não conseguiu pensar em mais nada senão afagar-lhe o braço enquanto ele observava os paramédicos.

— Tenho de ir ver uma coisa.

— Não me lembro da idade dele. Não me lembro ao certo.

— Então? — Desta vez apertou-lhe o braço. — É demasiado torto para se deixar abater por muito tempo. Olha, eu cancelo se quiseres que fique por aqui.

— Não, vai lá. — Estremeceu. — Tropeçou no maldito gato. Podia ter morrido. — Virou-se, encostou os lábios à testa de Eve. — A vida é feita de surpresas desagradáveis. Tem cuidado, Tenente, não quero mais surpresas por hoje.

O TRÂNSITO ESTAVA INFERNAL, o que se adequava ao seu já arruinado estado de espírito.

A avaria de um autocarro na Lex provocara um engarrafamento desde a 75<sup>a</sup> em direção a sul, até a vista alcançar. Ouviam-se buzinas. Lá em cima, os helicópteros do trânsito passavam e zuniam entre o trânsito aéreo para evitar que os mirões também engarrafassem o céu.

Cansada de ficar naquele mar de gente que se dirigia para o trabalho, ligou a sirene e lançou-se de súbito na vertical. Virou para este, dirigindo-se depois novamente para sul quando encontrou uma via desimpedida.



Tinha telefonado à Central e informado de que ia tirar uma hora a título pessoal. Não havia razão nenhuma para comunicar que estava a seguir as indicações enigmáticas de uma repórter de diretos, sem autorização nem razão evidente.

Porém, confiava nos instintos de Nadine (o faro daquela mulher relativamente a uma boa história era como o faro de um cão de caça em relação a um coelho) e tinha enviado uma mensagem a Peabody, a sua assistente, com ordens para fazer um desvio até Delancey.

Era muito o movimento comercial na rua. A zona assemelhava-se a uma colmeia de mercearias gourmet, cafés e lojas especializadas ao lado uns dos outros ao nível do passeio e que serviam os habitantes dos apartamentos dos respetivos prédios, por cima. A padaria vendia ao tipo que tinha a loja de reparações ao lado, que se ocupava do AutoChefe da mulher da loja de roupa do lado oposto, que corria até ao outro lado da rua para comprar fruta da banca.

Era um sistema organizado, imaginou Eve. Antigo e estabelecido que, embora ainda apresentasse algumas cicatrizes das Guerras Urbanas, tinha-se reconstruído.

Não era um setor onde se quisesse dar um passeio a altas horas da noite e, apenas a alguns quarteirões a sul ou a oeste, encontravam-se as comunidades não tão organizadas de sem abrigo que dormiam nos passeios e de “agarrados”, mas, numa manhã abrasadora de verão, esta parte de Delancey centrava-se no comércio.

Encostou por trás de um camião de entregas estacionado em segunda fila e ligou o sinal Em Serviço.

Com alguma relutância, saiu do casulo fresco do seu veículo para o estival bafo quente e húmido. Os odores chegaram em primeiro lugar: salmoura e café e transpiração. O odor mais apelativo a melão do vendedor de fruta foi subjugado pela golfada de vapor de um carro aéreo. Trazia o inegável odor a substituto de ovo e cebolas.

Fez o possível para não inspirar (quem é que *comia* aquela porcaria?), parada na esquina a sondar.

Não viu Nadine, nem Peabody, mas reparou num trio que julgou constituído por lojistas e um funcionário da Manutenção Municipal a discutirem em frente de um contentor de reciclagem.

Manteve-os debaixo de olho enquanto ponderou telefonar a Roarke para saber notícias de Summerset. Talvez se tivesse dado um milagre e

os Meditécnicos tivessem colado o osso e ele estivesse, nesse preciso momento, a caminho do transporte. Devido ao trauma matinal, não ia tirar três semanas de férias. Ia tirar quatro.

E, enquanto estivesse fora, iria apaixonar-se perdidamente por uma companheira autorizada (quem estaria disposto a fazer sexo com aquela aberração sem ser por dinheiro?) e acabaria por decidir ir viver com ela para a Europa.

Não, na Europa, não. Não era suficientemente longe. Iriam instalar-se na Colónia Alfa, em Taurus I e nunca mais regressariam a este planeta chamado Terra.

Enquanto não telefonasse, podia agarrar-se aos fios prateados dessa pequena fantasia.

Porém, lembrou a dor nos olhos de Summerset e a forma como Roarke lhe segurara na mão.

Com um audível suspiro, pegou no transmissor. Antes de o conseguir usar, um dos lojistas empurrou o funcionário da Manutenção Municipal, que devolveu o gesto. Eve viu o primeiro soco chegar antes da Manutenção, que caiu de rabo no chão. Voltou a guardar o transmissor no bolso e caminhou pelo passeio para terminar a confusão.

Estava ainda a um metro quando sentiu o cheiro. Caminhara com a morte demasiadas vezes para se enganar.

Os vivos reboavam no passeio, ouviam-se gritos de incentivo e de repreensão pelas pessoas que saíam das lojas ou paravam a caminho do trabalho para assistir ao espetáculo.

Eve nem se deu ao trabalho de tirar o distintivo, simplesmente puxou o tipo de cima pela camisola e pôs o pé no peito daquele que ficou no chão.

— Acabou.

O lojista era um tipo pequeno mas rijo. Deu uns safanões para se livrar de quem o agarrava, deixando Eve com uma camisola transpirada na mão. A vermelhidão nos olhos era de raiva, mas no lábio via-se sangue a sério.

— Isto não é da sua conta, senhora, por isso toca a andar antes que sobre para si.

— Para si, é Tenente Senhora. — O tipo no chão parecia conformado. Era barrigudo, estava exausto e o olho esquerdo já começara a inchar. No entanto, como não tinha o mínimo apreço por ninguém do setor da

manutenção, manteve a bota no peito do homem enquanto retirava o distintivo.

O sorriso que enviou ao lojista mostrou demasiados dentes.

— Queres apostar para quem é vai sobrar? Vá, toca a afastar e caladinho.

— Uma bófia. Boa. Devia era prender esse desgraçado. Eu pago os meus impostos. — O lojista ergueu as mãos, pedindo apoio à multidão como um pugilista a dar a volta ao ringue entre assaltos. — Pagamos um balúrdio e idiotas como estes lixam-nos.

— Esse homem agrediu-me. Quero apresentar queixa.

Eve lançou um olhar ao homem sob o seu pé.

— Calado. Nome — questionou, apontando para o lojista.

— Remke. Waldo Remke. — Pousou os punhos feridos nas ancas estreitas. — *Eu* é que quero apresentar queixa.

— Pois, pois. Aquela é a tua loja? — Indicou uma mercearia atrás de si.

— Pertence-me há dezoito anos e era do meu pai antes disso. Pagamos impostos...

— Já ouvi essa parte. Este é o teu contentor?

— Pagámos esse contentor mais de vinte vezes. Eu, o Costello e o Mintz. Com o suor a escorrer-lhe pelo rosto, indicou com o polegar os dois homens que estavam atrás de si. — E metade das vezes está avariado. Consegue sentir o cheiro? Consegue sentir a merda do cheiro? Quem é que vem às nossas lojas com um pivete destes? É a terceira vez que um de nós telefona para a manutenção nas últimas seis semanas. Não mexem uma palha.

Da multidão, ouviram-se expressões de desagrado e murmúrios de assentimento e um brincalhão gritou: “Morte aos fascistas!”

Juntando o calor, o fedor e o sangue já derramado, Eve sabia que a inofensiva multidão do bairro poderia tornar-se numa multidão perigosa num piscar de olhos.

— Sr. Remke, quero que o senhor, o Sr. Costello e o Sr. Mintz re-cuem. Quanto aos restantes, encontrem o que fazer noutra sítio.

Ouviu um bater rápido atrás dela que só podia ser de sapatos de polícia no pavimento.

— Peabody — disse, sem se virar —, dispersa esta multidão antes que encontrem uma corda e linchem este tipo.

Um pouco esbaforida, Peabody correu até ao lado de Eve.

— Sim, chefe. Vamos, toca a dispersar. Vão ocupar-se das vossas vidas.

A visão da farda, pese embora estivesse já a esmorecer devido ao calor, fez com que a maior parte da multidão se esgueirasse. Peabody ajeitou os óculos de sol e a boina, uma vez que ambos tinham deslizado quando correu pelo passeio.

O seu rosto quadrado estava ligeiramente brilhante devido à transpiração, mas, por trás das lentes escurecidas, os seus olhos escuros estavam estáveis. Moveu-os na direção do contentor e depois para Eve.

— Tenente?

— Pois. Nome — disse enquanto dava pancadinhas com a bota no peito do trabalhador municipal.

— Larry Poole. Olhe, Tenente, estou só a fazer o meu trabalho. Vim aqui por causa de um pedido de reparação e este tipo salta-me para cima.

— Quando é que aqui chegou?

— Não estou cá nem há dez minutos. O filho da mãe nem me deixou ver o contentor antes de me atacar.

— Agora vai poder vê-lo. Não quero sarilhos desse lado — dirigiu-se a Remke.

— Quero apresentar queixa. — Cruzou os braços e fez uma careta quando Eve ajudou Poole a levantar-se.

— Deitam aqui toda a porcaria — começou Poole. — É esse o problema, está a ver? Não utilizam os orifícios devidos. Se deitar lixo orgânico do lado não orgânico, vai ficar um pivete por todo o lado.

Coxeou até ao contentor e, com toda a calma do mundo, colocou a máscara de proteção. — Só têm de seguir as instruções, mas não, têm de se queixar de cinco em cinco minutos ou o raio.

— Como funciona o fecho?

— Tem um código. São alugados à câmara e a câmara fica com os códigos. O meu leitor lê os códigos e depois... Porra, este está rebentado.

— Eu disse que estava rebentado.

Com alguma dignidade, Poole endireitou-se e olhou fixamente para Remke com os olhos negros.

— O fecho e o selo estão rebentados. Os miúdos às vezes fazem isto. Não tenho a culpa. Quem é que percebe o que os miúdos fazem?

Se calhar, rebentaram com o fecho ontem à noite e deitaram lá para dentro um gato morto, a julgar pelo pivete.

— Não vou pagar lá porque vocês têm fechos defeituosos — começou Remke.

— Sr. Remke — advertiu Eve. — Chega. Está destrancado, sem selo? — perguntou a Poole.

— Está. Agora vou ter de chamar aqui uma equipa para limpeza. Raio dos miúdos. — Começou a forçar a tampa para abrir, mas Eve deu-lhe uma palmada na mão.

— Pode afastar-se, por favor? Peabody?

O fedor já a estava a deixar nauseada, mas Peabody sabia que estava prestes a piorar.

— Quem me dera não ter comido aquele enrolado de ovo a caminho daqui.

Eve agarrou na tampa e abanou a cabeça para a sua assistente.

— Comes essa porcaria? O que se passa contigo?

— Na verdade, até são bons. E são práticos. — Inspirou e susteve a respiração. Acenou com a cabeça. Juntas, levantaram a pesada tampa.

O cheiro pestilento a morte saiu em golfadas.

Fora empurrada para o lado do lixo orgânico do contentor. Só se via metade do seu rosto. Eve percebeu que os olhos dela eram verdes — um verde-garrafa marcante. E era jovem, certamente bonita.

A morte, estimulada pelo calor, fizera com que inchasse enormemente.

— Mas o que raio deitaram para aí? — Poole abriu caminho e olhou para dentro. De imediato, recuou a cambalear para vomitar.

— Comunica isto, Peabody. A Nadine está a caminho. Está presa no trânsito ou já aqui estaria. Quero que a mantenha afastada, bem como à câmara. É claro que vai barafustar, mas tens de manter este quarto desimpedido.

— Está alguém aí dentro. — A raiva tinha deixado o rosto de Remke. Olhava apenas para Eve, horrorizado. — Uma pessoa.

— Preciso que vá para dentro, Sr. Remke. Todos vocês. Já vou falar convosco.

— Eu vou ver. — Teve de pigarrear. — Posso... se é alguém do bairro, posso conhecer... Se isso ajudar, eu vejo.

— Não é fácil — disse-lhe, gesticulando para que passasse.

Embora pálido, subiu. Manteve os olhos fechados por um instante, cerrou os dentes e abriu os olhos. O mais ínfimo sinal de cor desapareceu-lhe das maçãs do rosto.

— Rachel. — Debateu-se com vômitos e recuou. — Oh, meu Deus, oh, meu Deus. É a Rachel — não sei o apelido. Ela, oh me Deus, trabalhava na loja de conveniência do outro lado da rua. Era uma miúda. — Lágrimas começaram a escorrer-lhe pelo rosto que virou para esconder. — Vinte, vinte e um anos, no máximo. Universitária. Estudava a toda a hora.

— Entre, Sr. Remke. Eu agora trato dela.

— Não passava de uma miúda. — Bateu na própria cara. — Que espécie de animal faz isto a uma miúda?

Podia ter-lhe dito que havia toda a espécie de animais, animais mais cruéis e mais mortais do que qualquer ser da natureza. Mas nada disse ao vê-lo avançar até Poole.

— Venha para dentro. — Pousou a mão no ombro de Poole. — Venha lá para dentro onde está fresco. Vou-lhe arranjar um copo de água.

— Peabody, o estojo de campo está no carro.

Regressando ao corpo, prendeu o gravador na lapela.

— Muito bem, Rachel — sussurrou. — Mãos à obra. Começar gravação. A vítima é do sexo feminino, caucasiana, cerca de vinte anos.

TINHA DEFINIDO O PERÍMETRO e os agentes que responderam estavam a manter os curiosos afastados. Quando terminou de gravar o corpo, o contentor e a área circundante, selou-o e preparou-se para entrar no contentor.

Reparou na carrinha do Canal 75 no final do quarteirão. A Nadine devia estar a deitar fumo, pensou Eve, e não se devia só ao calor. Teria de aguardar a sua vez.

Os vinte minutos que se seguiram foram macabros.

— Chefe. — Peabody ofereceu uma garrafa de água quando Eve saiu do contentor.

— Obrigada. — Engoliu quase meio litro antes de respirar, mas não conseguiu retirar o sabor da boca por completo. Usou uma segunda garrafa para lavar as mãos. — Aqueles tipos ficam em espera. — Acenou em direção à mercearia. — Primeiro, vou tratar da Nadine.

— Conseguiu identificá-la?

— As impressões digitais apareceram. Rachel Howard, estudante em *part-time* na Columbia. — Passou a mão pelo rosto transpirado. — O Remke acertou na idade. Vinte anos. Podes pô-la no saco e colocar a etiqueta de identificação — acrescentou. Não consegui perceber a causa da morte. Raios, nem consigo determinar a hora da morte pela forma como esteve ali a assar.

Olhou para o contentor, atrás de si.

— Vamos ver o que a equipa de verificação encontra e depois deixamos os Meditécnicos encarregarem-se dela.

— Queres começar a bater às portas?

— Espera até ao falar com a Nadine. — Atirou a garrafa vazia a Peabody, avançou pelo passeio. Um dos curiosos começou a chamá-la, retraindo-se ao ver o olhar no seu rosto.

Nadine saiu da carrinha, com um aspeto pronto para a câmara e furibunda.

— Porra, Dallas, durante mais quanto tempo achas que me vais manter afastada?

— O tempo que for preciso. Preciso de ver essas impressões. Depois preciso que vás à Central para te interrogar.

— Precisas? Achas que me importa o que precisas?

Fora uma manhã desagradável. Estava com imenso calor, tresandava e o pequeno-almoço que lhe dera tanto gosto parecia não estar a cair bem. O vapor do carro aéreo no qual o operador estava a esforçar-se a dobrar graças às pessoas que pairavam por ali, na esperança de obter uma visão mais próxima da morte de alguém, acrescentava mais uma camada gordurenta ao ar pesado.

Nem sequer lhe ocorreu refrear o mau génio ao olhar para Nadine, com um ar tão fresco como uma manhã de primavera, com um copo de café gelado na sua bonita mão, com a manicura feita.

— Tudo bem. Tens o direito de permanecer em silêncio...

— Que merda é esta?

— São os teus direitos. És testemunha essencial num homicídio. Tu aí. — Tocou num agente. — Lê à Sr.<sup>a</sup> Furst os seus direitos e acompanha-a até à Central. Está detida para interrogatório.

— Cabra insensível.

— Bem resumido. — Deu a volta e regressou para falar com os Meditécnicos.

## CAPÍTULO 2

NO INTERIOR DA MERCEARIA, o ar estava fresco e sentia-se o cheiro a café, a salmão fumado e a pão quente. Bebeu a água que Remke lhe tinha oferecido. O homem já não lembrava um foguete humano prestes a ser enviado para o espaço. Parecia exausto.

Era o que acontecia habitualmente, segundo a sua própria experiência, após momentos de violência.

— Quando foi a última vez que usou o contentor do lixo? — perguntou-lhe.

— Cerca das sete, ontem à noite, depois de fechar. Normalmente, é o meu sobrinho que fecha, mas esta semana está de férias. Levou a mulher e os filhos ao Planeta Disney — sabe Deus porquê!

Com os cotovelos no balcão, pousou a cabeça nas mãos e pressionou as têmporas com os dedos.

— Não consigo tirar da cabeça a cara daquela miúda.

E jamais conseguirás, pensou Eve. Pelo menos completamente.

— A que horas entrou esta manhã?

— Às seis. — Expirou demoradamente, deixou cair as mãos. — Reparei logo no... no cheiro. Dei um pontapé ao contentor. Valha-me Deus, dei-lhe um pontapé e ela estava lá dentro.

— Não a podia ajudar, mas agora pode. E o que fez a seguir?

— Comuniquei a situação. O Costello e o Mintz chegaram aqui, sei



lá, deviam ser seis e meia, e estivemos a falar sobre o assunto. Voltei a ligar às sete, já que não apareceu ninguém. Telefonei sei lá quantas vezes, enervei-me bastante, até chegar o Poole. Isso foi cerca de dez minutos, acho eu, antes de lhe dar um murro.

— Vive no andar de cima?

— Vivo. Eu, a minha mulher e a nossa filha mais nova. Tem 16 anos. — A sua respiração mudou. — Podia ter sido ela ali dentro. Ontem saiu até às dez. É o recolher obrigatório. Foi sair com duas amigas. Não sei o que faria se... não sei o que faria. — A voz falhou-lhe. — O que é que qualquer pessoa faria?

— Eu sei que não é fácil. Lembra-se de ouvir alguma coisa, de ver alguém, ontem à noite? Qualquer coisa que lhe venha à cabeça?

— A Shelley chegou mesmo à hora certa. Somos muito rígidos quanto à hora de vir para casa, por isso entrou em casa às dez. Estava a ver o jogo no ecrã — mas na verdade, estava mesmo era à espera dela. Às 11, já estávamos todos na cama. Tinha de vir abrir, por isso, deitei-me cedo. Não ouvi nada de nada.

— Certo. Fale-me da Rachel. O que sabe dela?

— Não muito. Trabalha na loja de conveniência há cerca de um ano, parece-me. Sobretudo de dia. Algumas noites, mas sobretudo de dia. Entrávamos e, se não estivesse ocupada, estava a estudar. Ia ser professora. Tinha um sorriso tão doce. — A voz voltou a falhar. — Sentíamo-nos bem ao olhar para ela. Como é que alguém conseguiu fazer aquilo?

Com Peabody a seu lado, Eve atravessou a estrada até à loja de conveniência.

— Preciso que fales com o Roarke e que perguntes como está o Summerset.

— Foi de férias. Tinhas marcado no calendário, com toques de trombetas e estrelas cadentes.

— Partiu a perna.

— O quê? Quando? Como? Bolas...

— Caiu das escadas esta manhã. Acho que foi para me contrariar. Acho mesmo. Mas vê lá. Diz ao Roarke que falo com ele assim que perceber um pouco disto.

— E que estás preocupada e o apoias. — Peabody manteve o rosto espantosamente calmo quando Eve deslocou o olhar e fixou os olhos nela. — Ele vai perceber que é falso, mas é isso que as pessoas fazem.

— Quero lá saber.

Entrou. Alguém sensato desligara a música alegre que passa em todas as lojas de conveniência, neste planeta e fora dele. O lugar parecia um sepulcro, cheio de comida pronta a comer para levar, artigos do dia a dia inflacionados e uma parede de AutoChefes. Um agente de farda rondava o expositor de discos de entretenimento, enquanto um jovem funcionário estava sentado atrás do balcão. Tinha os olhos vermelhos e inexperientes.

Mais um jovem, pensou Eve. Os empregados das lojas de conveniência costumam ser miúdos ou reformados que trabalham horas absurdas por um escasso ordenado.

Este era magricelas e de raça negra, com um tufo de cabelo laranja em pé no alto da cabeça. Usava um anel de prata no lábio e uma imitação barata de uma das mais populares unidades de pulso.

Olhou para Eve e recomeçou a chorar, em silêncio.

— Disseram que não podia ligar a ninguém. Disseram que tinha de ficar aqui. Mas eu não quero ficar aqui.

— Daqui a pouco já podes ir. — Fez um aceno com a cabeça para que o agente saísse.

— Disseram que a Rachel morreu.

— É verdade. Eras amigo dela?

— Deve ser engano. Deve ser engano. — Passou a mão por baixo do nariz. — Se me deixassem ligar-lhe, veriam que é engano.

— Lamento. Como te chamas?

— Madinga. Madinga Jones.

— Não há engano nenhum, Madinga, e lamento porque percebo que eram amigos. Há quanto tempo eram amigos?

— Parece-me que isto não está certo. Parece-me que não é real. Esfregou a cara com as mãos. — Ela começou a trabalhar no verão passado, no início do verão passado. Vai para a universidade, precisava de trabalhar. Às vezes, saíamos.

— Eram próximos. Tinham algum relacionamento, algum relacionamento mais íntimo?

— Éramos companheiros, só isso. Tenho namorada. Às vezes íamos dançar ou ver um filme novo.

— Ela tinha namorado?

— Nada fixo. Deixava tudo em aberto, já que precisava de estudar. Fartava-se de estudar.

— Alguma vez referiu que andava alguém a incomodá-la? Talvez alguém que não quisesse deixar as coisas em aberto?

— Não sei... bem, houve este tipo que conhecemos numa discoteca e ela saiu com ele uma vez, tipo, a um restaurante que ele tem ou assim. Mas ela disse que ele era muito cola e despachou-o. Não gostou muito e ainda andou atrás dela uns tempos. Mas isso foi há meses. Antes do Natal.

— Sabes como se chama?

— Diego. — Encolheu os ombros. — Não sei mais. Estiloso, roupa cara. Eu avisei-a de que era um engatatão, mas ele dançava e ela gostava de dançar.

— Qual era a discoteca?

— Make The Scene. Ali para a Union Square, na 14.<sup>a</sup> Ele... fez-lhe alguma coisa antes de a jogar ali para dentro?

— Não te sei dizer.

— Era virgem. — Os seus lábios tremeram. — Dizia que não queria fazer só por fazer. Costumava implicar com ela por causa disso, por brincadeira, sabe, porque éramos amigos. Se ele se meteu com ela... — As lágrimas secaram e os olhos ficaram rígidos como mármore. — Têm de o fazer sofrer. Têm de o fazer sofrer como a fez sofrer a ela.

Já na rua, Eve passou a mão no cabelo e pensou nos seus óculos de sol. Onde quer que estivessem.

— Perna partida. — Informou Peabody. — Ombro deslocado e umas mazelas no rotador do pulso.

— O quê?

— O Summerset. O Roarke disse que vão mantê-lo internado esta noite e está a tratar de arranjar cuidados ao domicílio assim que lhe derem alta. E deu cabo do joelho da outra perna, por isso vai demorar até voltar a pôr-se de pé.

— Merda.

— Oh, e o Roarke disse que agradece a tua preocupação e que assim fará saber ao doente.

— Merda — repetiu.

— E para te deixar ainda mais feliz, chegou uma mensagem do representante da Nadine. Tens uma hora para solicitar e concluir uma entrevista ou será apresentada uma queixa formal pelo Canal 75 em nome da Sr.<sup>a</sup> Furst.

— Vai ter de penar. — Eve tirou os óculos de sol da farda de Peabody e colocou-os. — Temos de informar a família mais chegada de Rachel Howard.

A ÚNICA COISA QUE Eve queria fazer quando chegou à Central era tomar um duche. E era mais uma coisa que iria ter de esperar. Dirigiu-se diretamente ao sítio que os agentes chamam Sala de Estar, uma zona de espera para quem aguarda por ser inquirido, familiares, potenciais testemunhas que não eram suspeitos ativos numa investigação.

Tinha cadeiras, mesas máquinas de venda automática, dois ecrãs para manter ocupadas as pessoas que esperavam. Nadine, a sua equipa e um homem de fato elegante que Eve supôs tratar-se do representante, eram, no momento, os únicos residentes.

Nadine pôs-se em pé de um salto.

— Oh, viemos fazer uma visita.

O homem de fato, alto e esguio, com uma massa ondulante de cabelo castanho e olhos frios e azuis, tocou-lhe no braço.

— Nadine, deixe-me tratar deste assunto. Tenente Dallas, sou Carter Swan, advogado do Canal 75 e estou aqui como representante da Sr.<sup>a</sup> Furst e dos membros da sua equipa. Permita-me começar por dizer que a forma como tratou a minha cliente, membro respeitado dos meios de comunicação social, é inaceitável. Será apresentada uma queixa aos seus superiores.

— Pois, pois. — Eve virou-se para uma das máquinas de venda automática. Ali, o café não prestava, mas precisava de algo. — A Sr.<sup>a</sup> Furst — começou ao inserir o seu código, praguejando baixinho quando recebeu a informação de que tinha o crédito a zero. — A Sr.<sup>a</sup> Furst é testemunha material numa investigação criminal. Foi-lhe pedido que se apresentasse voluntariamente para ser inquirida, mas não se mostrou cooperante.

Levou a mão ao bolso em busca de moedas ou fichas e retirou-a vazia.

— Faz parte dos meus direitos e da minha autoridade poder trazer a sua cliente para interrogar, tal como ela tem o direito de trazer um indivíduo aperlado como o senhor para me chatear. Preciso das impressões, Nadine.

Nadine voltou a sentar-se, cruzou as pernas compridas. Ajeitou o cabelo louro com madeixas, sorriu ligeiramente.

— Tens de mostrar o mandado ao meu representante e, quando se atestar a sua autenticidade, poderemos discutir as impressões.

— Não queres fazer jogo duro comigo neste assunto, pois não?

Os olhos de Nadine, de um verde felino, faiscaram de raiva.

— Ai, não quero?

— De acordo com a lei estatal e federal — começou Carter —, a Sr.<sup>a</sup> Furst não tem qualquer obrigação de entregar qualquer tipo de propriedade, pessoal ou profissional, sem uma ordem do tribunal.

— Telefonei-te. — Nadine falou em voz baixa. — Não precisava de o ter feito. Podia ter ido diretamente para Delancey, apresentar a minha história. Mas telefonei-te, por respeito, pela nossa amizade. E como lá chegaste primeiro... — Fez uma pausa que demorou o tempo suficiente para lançar um olhar furioso a alguém da sua equipa, que pareceu encolher-se ao senti-lo. — Deixaste-me de fora. Esta história é minha.

— Vais ter a porra da tua história. Passei a última meia hora numa casinha em Brooklyn com os pais de uma miúda de 20 anos, pais que eu vi desmoronarem à minha frente, pedaço a pedaço, quando lhes disse que a filha estava morta, quando tive de lhes contar onde estivera toda a merda da noite.

Nadine voltou a levantar-se devagar enquanto Eve atravessava a sala a passos largos. Ficaram próximas, frente a frente.

— Se não fosse eu, não a terias encontrado.

— Estás enganada. Podia não ter sido eu, mas alguém a teria encontrado. Cinco, seis horas num contentor de reciclagem, com 32° na rua, o que equivale a uns 48° dentro daquele caixote, alguém a teria encontrado num ápice.

— Olha, Dallas — começou Nadine, mas Eve estava lançada.

— É provável que tenha pensado nisso quando a enfiou lá para dentro, quando te enviou as imagens. Talvez se excite ao pensar no desgraçado que a encontrasse, no desgraçado do agente que teria de se meter lá dentro com ela. Sabes o que acontece a um corpo após algumas horas naquele calor, Nadine?

— A questão não é essa.

— Não é? Bem, então deixa-me mostrar-te qual é a questão. — Tirou o gravador do bolso e foi ligá-lo à unidade. Decorridos poucos segundos, a imagem de Rachel Howard, como Eve a encontrara, surgiu no ecrã.

— Tinha 20 anos, estava a estudar para ser professora, trabalhava numa loja de conveniência. Gostava de dançar e colecionava ursos. Ursos de peluche. — A voz de Eve rasgava como uma lâmina ao olhar para o que Rachel Howard se tornara. — Tinha uma irmã mais nova chamada Melissa. A família julgava que estava no dormitório onde tinha amigos, a fazer uma direta, como acontecia uma ou duas vezes por semana, por isso, não ficaram preocupados. Até eu lhes bater à porta.

Virou-se, olhou para Nadine.

— A mãe caiu de joelhos, desabou como se o ar tivesse saído todo do seu corpo. Tens de ir lá com a tua equipa quando acabarmos. Tenho a certeza de que vais conseguir boas imagens para a tua história. Aquele tipo de coisas, todo aquele sofrimento, aumenta mesmo as audiências.

— Isso é desnecessário. — Carter disse bruscamente. — Isto é intolerável. A minha cliente...

— Cala-te, Carter. — Nadine pegou na sua pasta em pele. — Quero falar contigo em privado, Tenente.

— Nadine, aconselho vivamente...

— Cala-te, Carter. Em privado, Dallas.

— Está bem. — Retirou o gravador. — No meu gabinete.

Não falou ao saírem, nada disse ao entrarem no deslizante que as levaria à sua divisão.

Entraram na área aberta e os cumprimentos iniciais desvaneceram-se em silêncio quando as duas mulheres passaram sem hesitar.

O gabinete de Eve era pequeno e sóbrio, com uma única janela estreita. Fechou a porta, sentou-se à secretária, deixando a outra cadeira já com as molas partidas para Nadine.

Mas Nadine não se sentou. O que vira, o que sentira, estava nitidamente marcado no seu rosto.

— Tu conheces-me. Tu conheces-me e não merecia ser tratada assim, não merecia ouvir o que disseste ali fora.

— Talvez não, mas foste tu que chamaste um representante, foste tu que te atiraste a mim porque te deixei de fora de uma história.

— Vai à merda, Dallas, prendeste-me.

— Não te prendi. Pus-te sob custódia para interrogatório. Não faças um drama disto.

— Estou-me nas tintas para isso. — Maldisposta e furiosa, empur-

rou a cadeira. Era um gesto que Eve compreendia e respeitava, mesmo quando o assento voou e lhe bateu na canela.

— Telefonei-te — bufou Nadine. — Notifiquei-te quando não tinha qualquer obrigação de o fazer. Depois, excluístes-me, arrastaste-me para aqui e tratas-me como um monstro.

— Não te excluí, estava a fazer o meu trabalho. Trouxe-te para aqui porque tens informações de que preciso e estavas a ser uma grande chata.

— *Eu* estava a ser chata?

— Sim, estavas. Valha-me Deus, preciso de café. — Levantou-se e passou por Nadine até ao seu AutoChefe. — E eu estava irritada, por isso não perdi tempo com a nossa dança habitual. Mas quanto a tratar-te como um monstro, peço desculpa, porque sei que não és assim. Queres um?

Nadine abriu a boca e voltou a fechá-la. Depois, deixou sair uma baforada de vapor.

— Quero. Se me respeitasses...

— Nadine. — Com o café na mão, Eve virou-se —, se não te respeitasse, teria levado um mandado na mão quando entrei na Sala de Estar. — Fez um compasso de espera. — Andas metida com aquele do fatinho?

Nadine bebericou o café.

— Por acaso. Fiz cópias das impressões para ti antes de ir para Delancey — onde teria chegado muito mais cedo se o Red não tivesse dado um toque no para-choques de outro carro. — Tirou-as da pasta.

— A DDE vai precisar do teu transmissor.

— Pois. Calculei. — A batalha terminara e estavam em frente uma da outra. Duas mulheres com nervos à flor da pele por causa do trabalho.

— Era uma rapariga muito bonita — comentou Nadine. — Um lindo sorriso.

— É o que toda a gente diz. Esta foi tirada quando estava no trabalho. Pode ver-se a montra de doces. Esta... talvez no metro. E esta, não sei. Um parque algures. Não estava a fazer pose. É muito provável que não soubesse que estava a ser fotografada.

— Ele seguia-a.

— É capaz. Agora esta. Nesta pousou.

Mostrou a última impressão. Rachel estava sentada numa cadeira encostada a uma parede branca. Tinha as pernas cruzadas, as mãos entrelaçadas ligeiramente acima do joelho. A iluminação era suave, favore-

cia-a. Vestia a camisola azul e as calças de ganga com que fora encontrada. O seu rosto era jovem e bonito, tinha os lábios e as faces rosadas. E os seus olhos, daquele verde forte, estavam vazios.

— Está morta, não está? Nesta fotografia, já está morta.

— É provável. — Eve pôs a fotografia de lado e leu o texto da transmissão.

FOI A PRIMEIRA E A SUA LUZ ERA PURA. VAI BRILHAR PARA SEMPRE. AGORA, VIVE EM MIM. ELA AGORA VIVE EM MIM. PARA RECUPERAR O RECETÁCULO, VÃO À DELANCEY COM A AV. D. DIGAM AO MUNDO, ISTO É SÓ O COMEÇO. O COMEÇO PARA TODAS.

— Vou enviar uma mensagem ao Feeney para que alguém da DDE recolha o teu transmissor. Como estamos para aqui todas respeitadas, não preciso de te dizer que determinados pormenores, como o conteúdo dessa transmissão, têm de ficar de fora da história durante a investigação.

— Não precisas dizer. E imbuída desse espírito de respeito, não tenho de te pedir para me maneres informada nem de negociar a série de conversas privadas que vamos ter durante esta investigação.

— Parece que não. Mas não me peças uma agora, Nadine. Tenho de avançar com isto.

— Então uma declaração. Algo que eu possa acrescentar e que mostre aos espetadores que a NYPSD está a avançar.

— Podes dizer que a responsável desta investigação está a seguir todas e quaisquer pistas e que nem ela nem este departamento ficarão de braços cruzados quando uma jovem é tratada como lixo.

Já sozinha, recostou-se à secretária. Precisava de avançar e a sua primeira paragem seria o médico legista. Mas agora, tinha outro dever a cumprir.

Ligou para o transmissor pessoal de Roarke, ouviu a desinteressante mensagem de que estava indisponível na localização atual e foi redirecionada para a sua assistente antes de conseguir terminar a transmissão.

— Oh. Olá, Caro. Parece que está ocupado.

— Olá, Tenente. — O rosto agradável sorriu. — Está mesmo a terminar uma reunião. Ah, já deve estar disponível. Só um momento para a transferir.



— Não quero incomodar... porra. — Estava novamente a ser redirecionada.

Remexeu-se desconfortavelmente ao ouvir a sequência rápida de bips. Então, surgiu o rosto de Roarke no ecrã. Embora também ele sorrisse, Eve percebeu que estava distraído.

— Tenente, apanhaste-me por pouco.

— Desculpa não ter ligado antes. Não tive muito espaço de manobra. Ele está, umm, está bem?

— É uma fratura grave e está irritável. O ombro e o joelho — e outras nódoas negras e inchaços diversos — complicam ainda mais. Foi um belo tombo.

— Pois. Olha, lamento. A sério.

— Hum-hum. Vão mantê-lo internado até amanhã. Se tiver recuperado o suficiente para ter alta, levo-o para casa. Nos primeiros tempos, não vai ser capaz de se orientar sozinho, por isso vai precisar de cuidados. Já tratei disso.

— Então e eu devia, sabes, fazer alguma coisa?

Desta vez, o sorriso parecia mais descontraído.

— Como por exemplo?

— Não faço a mínima ideia. Estás bem?

— Abalou-me, e muito. Tenho tendência para exagerar quando alguém de quem gosto se magoa. Pelo menos é o que me dizem. Ficou quase tão aborrecido comigo por tê-lo largado no hospital — como descreve — como tu em circunstâncias semelhantes.

— Há de passar-lhe. — Queria tocar-lhe, afastar aquelas rugas de preocupação que lhe assombravam os olhos. — É o que me acontece a maior parte das vezes.

— Até tu chegares, sempre foi a única constante na minha vida. Fiquei apavorado ao vê-lo sofrer daquela maneira.

— É demasiado mauzinho para ficar sossegado por muito tempo. Tenho de ir. Não sei quando vou para casa.

— Já somos dois. Obrigado por teres ligado.

Terminou a transmissão e, após mais uma passagem, guardou as impressões na mala. À saída, passou pelo cubículo de Peabody.

— Peabody, já estamos em andamento.

— Tenho o horário das aulas da vítima. — Peabody teve de seguir a passo de corrida para acompanhar as passadas largas de Eve. — E uma

lista dos seus professores. Também os nomes dos colegas da loja de conveniência. Ainda não comecei a investigá-los.

— Faz isso a caminho da morgue. Inclui fotografia e imagem. Vê se têm algum interesse.

— Posso dizer-te já. Uma das suas opções era Imagem. E tinha notas excelentes. Caramba, tinha boas notas em tudo. Era mesmo inteligente. Puxou do seu PPC ao dirigirem-se à garagem. Tinha a aula de Imagem às terças à noite.

— Ontem à noite.

— Sim, senhora. A professora é Leeanne Browning.

— Investiga-a em primeiro lugar. — Cheirou o ar ao atravessarem a garagem. — Que cheiro é este?

— Como tua assistente e alegre companheira, tenho de te informar que o cheiro vem de ti...

— Oh, raios.

— Toma. — Peabody enfiou a mão na mala e retirou um *spray*.

Instintivamente, Eve recuou.

— O que é isso? Afasta lá isso de mim.

— Dallas, quando entrarmos no teu veículo, mesmo com o ar condicionado no máximo, vai ser difícil respirar. Estás a feder. É provável que tenhas de queimar esse casaco, o que é uma pena, pois é espetacular.

Antes que Eve pudesse esquivar-se, apontou e disparou, continuando a disparar mesmo quando a sua corajosa tenente gritou.

— Cheira a... flores podres.

— A parte podre és tu. — Peabody aproximou-se, cheirou. — Mas está muito melhor. Mal se dá conta a três, quatro metros de distância. Devem ter desinfetantes bem fortes na morgue — disse Peabody alegremente. — Podias tomar banho e talvez lá tenham algo para a roupa.

— Está mas é calada, Peabody.

— A calar-me, chefe. — Peabody correu para dentro do carro e começou a investigar Leeanne Browning. — A professora Browning tem 56 anos. Está ligada à Columbia há 23 anos. Casada, em regime de género igual, com Angela Brightstar, de 54 anos. Endereço no Upper West Side. Sem registo criminal. Também tem uma segunda casa, no Hamptons. Um irmão, do Upper East Side, também casado, um filho. 28 anos. Os pais ainda estão vivos, reformados, têm casas no Upper East Side e na Flórida.

— Vê se há registo criminal da Brightstar e da família.

— A Brightstar tem uma coisinha — informou Peabody pouco depois. — Posse ilegal, há 12 anos. Dose para consumo próprio de Exotica. Deu-se como culpada, cumpriu três meses de serviço comunitário. A Brightstar é uma artista *freelance*, tem um estúdio em casa. O irmão está limpo, bem como os pais, mas o sobrinho tem duas identificações. Uma por posse ilegal aos 23 anos e uma por agressão na primavera passada. A sua morada atual é Boston.

— Pode valer a pena falar com ele. Coloca-o na lista e veremos se tem visitado a nossa bela cidade. Consegue o horário das aulas da Professora Browning. Quero arranjar tempo para ela ainda hoje.

Na morgue, Eve avançou a passos largos pelo corredor branco. De facto, usavam um desinfetante muito forte. Mas nunca se conseguia ocultar na totalidade. A atividade daquele sítio infiltrava-se em todas as rachas e penetrava no ar.

Conforme as indicações dadas, encontrou Rachel Howard já na mesa de autópsias e o médico legista Morris já estava a trabalhar. Vestia uma bata verde comprida sobre o fato amarelo. Tinha o cabelo preso em três rabos-de-cavalo que caíam em cascata, uns sobre os outros ao longo das costas. E, sabe-se lá como, não pareciam ridículos a sair da touca.

Eve aproximou-se do corpo. Podia ver o trabalho de Morris e perceber a causa da morte. A autópsia não teria deixado aquele pequeníssimo orifício na pele, que atravessava até ao coração.

— O que podes dizer-me?

— Que pão de pobre cai sempre com a manteiga para baixo.

— Vou registar isso. A causa foi a ferida no coração?

— Foi, sim senhora. Muito rápido, muito eficaz. Um punhal fino, um picador de gelo antigo ou uma arma do género. Este não queria trapalhadas nem espalhafatos.

— Este? Há indícios de abuso sexual?

— Falei no masculino no sentido geral. Não há indícios de abuso sexual. Algumas pequenas nódoas negras que podem ter sido causadas durante o transporte. Sem trapalhadas nem espalhafatos — repetiu. Colocou um penso na ferida. — Encontrei vestígios de adesivo em volta. Um círculo impecável. Talvez Nuskin, que retirou depois de terminar. E isto. — Virou a palma da mão de Rachel para cima. — Uma pequena escoriação redonda. O mais provável é que tenha sido uma seringa.

— Não parece do tipo de andar metida em substâncias ilegais e esse seria um sítio estranho para uma dose. Injetou-a com alguma coisa. Talvez um sedativo.

— Saberemos quando vierem os resultados das análises. Não houve mais nenhum tipo de violência, tirando a picadela. No entanto, há ligeiras marcas nos pulsos, no joelho esquerdo, no cotovelo direito. Olha aqui.

Pegou noutro par de óculos protetores.

— De a ter prendido? — perguntou ao pegar nos óculos. — É uma forma estranha de prender alguém.

— Noutra altura, podemos discutir a diversão e os jogos de *bondage*. Mas primeiro, dá uma vista de olhos.

Pôs os óculos, inclinou-se sobre o corpo. Agora conseguia ver: as linhas finas e ténues, azuis àquela luz.

— Uma espécie de fios — disse Morris. — Não foi uma corda.

— Para a colocar em pose. Usou os fios para a colocar em pose. Pode ver-se como o fio estava enrolado num pulso, passando debaixo do outro. As mãos estavam cruzadas sobre o joelho. Pois, pernas cruzadas, presas à cadeira. Não dá para ver na fotografia, mas deve ter tirado ao trabalhar a imagem.

Endireitou-se, tirou umas das impressões da pasta.

— Esta teoria faz sentido para ti?

Morris tirou os óculos, examinou a imagem.

— A posição bate certo. Quer dizer que tira fotografias dos mortos. Era costume há cerca de dois séculos e, no início deste século, voltou a estar na moda.

— Que tipo de costume?

— Colocar os mortos numa atitude de tranquilidade e depois tirar-lhes uma fotografia. As pessoas guardavam-nas em livros concebidos para esse efeito.

— Nunca deixo de ficar surpreendida com as pessoas.

— Oh, olha que não sei. Destinava-se a consolar e a recordar.

— Talvez queira recordá-la — refletiu Eve —, mas eu penso que é mais ele a querer ser recordado. Depois quero ver o exame toxicológico.

— Daqui a pouco, minha querida. Daqui a pouco.

— Não se debateu ou não conseguiu. Por isso, conhecia-o e confiava nele ou estava incapacitada. Depois, levou-a para onde quer que

tirou isto. — Voltou a guardar a fotografia na pasta. — Já estava morta ou matou-a aí — aposto nesta última —, pôs-lhe um penso para que não sangrasse e passasse pela blusa; colocou-a em pose, tirou estas fotografias. Volta a transportá-la e largá-a num contentor de reciclagem do outro lado da rua onde ela trabalhava.

Começou a andar de um lado para o outro.

— Talvez o assassino seja daquela zona. Alguém que a vê todos os dias, desenvolve uma obsessão. Não de cariz sexual, mas é obsessão. Tira-lhe fotografias, segue-a. Entra na loja e ela não lhe dá grande importância. É simpática. Talvez até o trate pelo nome. Ou então pode ser alguém da universidade. Rosto conhecido, rosto de confiança. Talvez lhe ofereça boleia para casa ou para a universidade. Seja como for, conseguiu apanhá-la.

— Conhecia o seu rosto — murmurou, olhando para Rachel —, tal como ele conhecia o dela.

LIGEIRAMENTE MAIS FRESCA DEVIDO a uma passagem pela cabine de desintoxicação da morgue, Eve parou junto ao passeio em frente do edifício de luxo da Professora Browning.

— Julguei que os professores ainda ganhassem menos do que os polícias — comentou.

— Posso investigar por alto as suas contas.

Eve saiu do carro e empinou a cabeça e as ancas quando o porteiro veio a correr.

— Lamento mas não pode deixar... isto aqui.

— Trata-se de um carro oficial. Isto — acrescentou, mostrando — é um distintivo. Como vou ali tratar de assuntos de polícia, isto fica aqui.

— Há um parque de estacionamento muito perto. Tenho muito gosto em lhe indicar o caminho.

— O que vai fazer é abrir a porta, entrar comigo e informar a Professora Browning de que a Tenente Dallas, da NYPSD, está aqui para falar com ela. Depois, pode vir aqui para fora e indicar o caminho para Marrocos às pessoas. Estamos entendidos?

Parecia que sim, pois dirigiu-se rapidamente para a porta e inseriu o código de segurança.

— Se a Professora Browning estava à sua espera, devia ter-me informado.

Soou tão formal e pomposo que Eve lançou-lhe um olhar furioso.

— Sabe, tenho um igualzinho a si em casa. Vocês têm algum clube?

Limitou-se a fungar e os seus dedos dançaram num teclado.

— É o Monty, Professora. Peço desculpa o incómodo, mas tenho aqui uma tal de Tenente Dallas na receção. Quer autorização para subir. Sim, minha senhora — disse para o auricular. — Vi a identificação. — Está acompanhada por um agente de farda. Claro, Professora.

Virou-se para Eve, os lábios tão cerrados que podiam cortar papel.

— A Professora Browning vai recebê-la. Apanhe o elevador para o 15.º andar. Estão lá à sua espera.

— Obrigada, Monty. Mas porque é que os porteiros me odeiam? — perguntou a Peabody ao caminharem para o elevador.

— Creio que pressentem o teu desprezo, como feromonas. Claro que se lhes dissesse que és casada com o Roarke, caíam imediatamente de joelhos para te adorarem.

— Prefiro ser temida e odiada. — Entrou no elevador. — 15.º andar — deu a ordem.